

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

**Êxtase Religioso: Uma Análise Interdisciplinar entre Teologia, Psicologia,
Antropologia e Sociologia da Religião**

Moacir Martins da Silva

São Paulo

2026

Moacir Martins da Silva

**Êxtase Religioso: Uma Análise Interdisciplinar entre Teologia, Psicologia,
Antropologia e Sociologia da Religião**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado

São Paulo

2026

Silva, Moacir Martins da.

Êxtase religioso: uma análise interdisciplinar entre teologia, psicologia, antropologia e sociologia da religião/ Moacir Martins da Silva. - São Paulo, 2026.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Machado

1. Êxtase religioso. 2. Experiência religiosa. 3. Teologia. 4. Psicologia da religião. 5. Liderança carismática. 6. Fenomenologia da religião I. Título. II. Machado, Jonas.

CDD 204.2

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA

Moacir Martins da Silva

**Êxtase Religioso: Uma Análise Interdisciplinar entre Teologia, Psicologia,
Antropologia e Sociologia da Religião**

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Jonas Machado

Professor Ms. Joerley Cruz

São Paulo

2026

DEDICATÓRIA

A minha esposa Valdiréia.

Que me tem incentivado, apoiado e suportado com amor e fé.

As minhas filhas, Isabel e Gleice

Que me deram incentivos veementes para que continue estudando.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que não só tem me capacitado, como corrigido todo o curso de minha existência.

Aos irmãos, que custearam e possibilitaram esta formação.

Aos professores desta instituição, que com sabedoria e paciência me ensinarão e orientarão em todo o período deste curso.

Ao professor Pr. Kenji, Que não só me ensinou como me suportou não só em disciplinas deste curso, mas particularmente como amigo e irmão.

RESUMO

O presente trabalho analisa o fenômeno do êxtase religioso a partir de perspectivas teológicas, psicológicas, sociológicas, antropológicas e fenomenológicas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que busca compreender as múltiplas interpretações do êxtase religioso, suas manifestações históricas e sua relevância para os estudos da religião. Inicialmente, são apresentadas definições e abordagens teóricas desenvolvidas por autores como Rudolf Otto, Mircea Eliade, Paul Tillich, Carl Gustav Jung, Ioan M. Lewis e Rosileny Alves dos Santos. Em seguida, o estudo examina a presença do êxtase em diferentes contextos históricos e tradições religiosas, incluindo a antiguidade, o judaísmo, o cristianismo, as religiões afro-brasileiras, o xamanismo e movimentos religiosos contemporâneos. A pesquisa também analisa as divergências existentes na teologia sistemática contemporânea acerca da legitimidade e da função das experiências extáticas na vida religiosa. Por fim, são investigados casos históricos envolvendo lideranças carismáticas e movimentos religiosos marcados por intensa experiência espiritual, destacando-se os episódios de Jonestown, Heaven's Gate e os Ramo Davidiano. Conclui-se que o êxtase religioso constitui um fenômeno humano complexo, universal e multifacetado, presente em diversas culturas e tradições religiosas, podendo exercer funções espirituais, psicológicas e sociais. Contudo, quando associado a estruturas de autoridade absoluta, pode também favorecer processos de manipulação e controle dos indivíduos, tornando necessária uma análise crítica e interdisciplinar do fenômeno.

Palavras-chave: Êxtase religioso. Experiência religiosa. Teologia. Psicologia da religião. Liderança carismática. Fenomenologia da religião.

ABSTRACT

This study analyzes the phenomenon of religious ecstasy from theological, psychological, sociological, anthropological, and phenomenological perspectives. The research is based on a bibliographical methodology and seeks to understand the multiple interpretations of religious ecstasy, its historical manifestations, and its relevance to the study of religion. Initially, theoretical approaches developed by authors such as Rudolf Otto, Mircea Eliade, Paul Tillich, Carl Gustav Jung, Ioan M. Lewis, and Rosileny Alves dos Santos are presented. The study then examines the presence of ecstasy in different historical contexts and religious traditions, including antiquity, Judaism, Christianity, Afro-Brazilian religions, shamanism, and contemporary religious movements. The research also discusses the divergent positions found in contemporary systematic theology regarding the legitimacy and role of ecstatic experiences in religious life. Finally, historical cases involving charismatic leadership and religious movements marked by intense spiritual experiences are analyzed, with special attention given to Jonestown, Heaven's Gate, and the Branch Davidians. The study concludes that religious ecstasy is a complex, universal, and multifaceted human phenomenon present in various cultures and religious traditions, capable of fulfilling spiritual, psychological, and social functions. However, when associated with structures of absolute authority, it may also facilitate processes of manipulation and social control, making a critical and interdisciplinary analysis of the phenomenon necessary.

Keywords: Religious ecstasy. Religious experience. Theology. Psychology of religion. Charismatic leadership. Phenomenology of religion.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação dos Teólogos Sistemáticos	30
Tabela 2 – Comparação entre as Pesquisas de Ioan M. Lewis e Rosileny Alves dos Santos	35
Tabela 3 – Casos Históricos de Liderança Religiosa Extremada.....	40

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	8
Cap. 1 – DEFINIÇÕES DO ÊXTASE RELIGIOSO.....	10
1.1 Definição Geral Do Termo.....	10
1.2 Paul Tillich.....	11
1.3 C. G. Jung.....	11
1.4 Ioan M.Lewis.....	11
1.5 Rosileny Alves dos Santos.....	12
1.6 Rudolf Otto.....	12
1.7 Mircea Eliade.....	12
Capítulo 2 – O ÊXTASE RELIGIOSO – EXEMPLOS NA HISTÓRIA E TRADIÇÕES RELIGIOSAS.....	14
2.1 Na Antiguidade.....	14
2.2 O Êxtase entre os povos do Antigo Testamento.....	15
2.3 O êxtase no Cristianismo.....	16
2.4 Dois movimentos cristãos em que a ocorrência do êxtase e seus “fenômenos acessórios” são observados.....	19
2.5 O êxtase nas religiões afro-brasileiras.....	20
2.6 O êxtase em outras tradições religiosas.....	21
2.7 Exemplo de religião etnogênica, o Santo Daime.....	21
2.8 O êxtase e a cultura contemporânea.....	22
2.9 Dimensão social do êxtase.....	24
Capitulo 3 - O ÊXTASE RELIGIOSO NA TEOLOGIA SISTEMÁTICA CONTEMPORÂNEA: CONVERGENCIAS E DIVERGENCIAS TEÓRICAS...27	
Capítulo 4 — AS EXTRUTURAS DO ÊXTAE APRESENTADAS EM PESQUISAS DE CAMPO.....	31
4.1 O êxtase religioso nas pesquisas antropológicas de Ioan M. Lewis.....	31
4.2 O êxtase religioso na pesquisa de Rosileny Alves dos Santos.....	32
Capitulo 5 – LIDERANÇAS CARISMÁTICAS E TRAGÉDIAS COLETIVAS.....	36

5.1 Jim Jones e a tragédia de Jonestown.....	37
5.2 Heaven's Gate e o suicídio coletivo de 1997.....	38
5.3 David Koresh e os Ramo Davidiano em Waco, Texas.....	39
CONCLUSÃO.....	41
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

O fenômeno do êxtase religioso acompanha a história da humanidade desde os tempos mais antigos, manifestando-se nas mais diversas culturas, tradições religiosas e contextos históricos. Relatos de experiências extáticas, por vezes citadas como espirituais ou sobrenaturais, podem ser encontrados em religiões tribais, nas tradições do Antigo Oriente, no judaísmo, no cristianismo, no islamismo, nas religiões afro-brasileiras e em diversos movimentos espirituais contemporâneos. Estas experiências com frequência são descritas como estados de transcendência, arrebatamento, contemplação profunda ou contato direto com uma realidade considerada sagrada.

Por se tratar de um fenômeno complexo torna-se necessário uma abordagem interdisciplinar. A teologia, a psicologia, a sociologia, a antropologia e a fenomenologia da religião oferecem diferentes perspectivas para sua compreensão. Enquanto alguns autores enfatizam a dimensão espiritual e transcendental do êxtase, outros destacam seus aspectos psicológicos, simbólicos, culturais e sociais.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno do êxtase religioso a partir de diferentes abordagens teóricas, observar o relato de suas principais características, manifestações históricas e interpretações contemporâneas. Busca-se compreender como essa experiência é descrita por estudiosos da religião e de que forma ela se manifesta em diferentes tradições religiosas.

Diante dessas considerações, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: como o fenômeno do êxtase religioso pode ser compreendido à luz das abordagens teológica, psicológica, antropológica e sociológica, e quais são seus impactos na experiência religiosa contemporânea?

Parte-se da hipótese de que o êxtase religioso constitui um fenômeno humano universal, presente em diferentes tradições religiosas e contextos históricos, podendo ser compreendido simultaneamente como experiência espiritual, psicológica e sociocultural. Embora suas manifestações variem conforme a tradição religiosa e o contexto cultural, sua recorrência ao longo da história sugere, tratar-se de um elemento significativo da experiência humana de transcendência.

A pesquisa adota metodologia bibliográfica, fundamentada na análise de obras de autores como Rudolf Otto, Mircea Eliade, Paul Tillich, Carl Gustav Jung, Ioan M. Lewis, Rosileny Alves dos Santos, além de teólogos contemporâneos da tradição reformada e pentecostal. Também são analisados episódios históricos envolvendo movimentos religiosos marcados por forte liderança carismática e experiências religiosas intensas.

O trabalho está organizado em cinco partes principais. O primeiro capítulo apresenta definições e perspectivas teóricas sobre o êxtase religioso. O segundo examina suas manifestações históricas em diferentes tradições religiosas. O terceiro analisa o fenômeno a partir da teologia sistemática contemporânea. O quarto capítulo discute casos históricos em que experiências religiosas intensas foram associadas a processos de manipulação por lideranças carismáticas. Por fim, a conclusão sintetiza os resultados obtidos e apresenta reflexões acerca da relevância do tema para os estudos da religião. O quinto capítulo apresenta uma mostra de como o êxtase religioso pode contribuir com outros elementos para uma tragédia que pode até levar a morte os envolvidos.

CAPÍTULO 1 – DEFINIÇÕES DO ÊXTASE RELIGIOSO.

Este capítulo apresenta definições do êxtase religioso, a partir de uma breve descrição geral do termo êxtase, passando por obras interdisciplinares em que os autores mostram várias perspectivas sobre o êxtase.

1.1 Definição geral do termo:

Uma consulta no Dicionário Aurelio mostrara a seguinte definição do termo êxtase: “substantivo masculino Condição daquele que está emocionalmente fora de si ou tomado por sensações adversas, intensas e contundentes como: prazer, alegria, medo etc. Prazer vivíssimo, gozo íntimo, causado por uma grande admiração, enlevo ou pasmo. [Patologia] Estado nervoso caracterizado pela perda de consciência da própria existência e pela abolição da sensibilidade a toda e qualquer ação externa. [Religião] Estado de alma absorta na contemplação de Deus e das coisas do mundo sobrenatural: os êxtases de Santa Teresinha. Etimologia (origem da palavra **êxtase**). A palavra êxtase deriva do grego "ekstasis", com o sentido de movimento para fora ou perturbação mental. (Dicionário Online de Português Aurelio)¹.

A Psicologia em geral vai dizer que: “A Êxtase é um estado emocional caracterizado pela intensificação de sentimentos, como o prazer e alegria, muitas vezes provocado por estímulos emocionais intensos. Este estado pode ser descrito como um transe onde os sentimentos se desprende das coisas materiais, permitindo uma contemplação interior profunda.” “em algumas culturas a êxtase é associada a práticas espirituais e meditação, enquanto em outras, pode ser provocada por substâncias Psicoativas.

1. Psicol. Estado de alma em que os sentidos se desprendem das coisas materiais, absorvendo-se no enlevo e contemplação interior.
2. Admiração manifestada por coisas sobrenaturais.
3. Arrebatamento, enlevo ou rapto dos sentidos, causado por uma grande admiração ou por um vivíssimo prazer que absorve todo e qualquer sentimento.
4. Med Estado mórbido como histeria, que faz o paciente perder os sentidos e a motricidade. (Núcleo de editoração – SBI Puc. Campinas)².

¹ <https://www.dicio.com.br/extase/>

² <https://www.puc-campinas.edu.br/ppe/periodicos-cientificos/>

Podemos ter como exemplo uma partida de futebol de copa do mundo, quando um time representando uma nação marca um gol, pessoas da aquela pátria gritam, pulam dançam, choram, etc. manifestam emoção de modo extremo, levado ao estado de “êxtase” coletivo. Ou quando uma pessoa recebe uma notícia, ou tem uma memória “ativada”, emociona-se até as lágrimas em “êxtase” individual.

1.2 Paul Tillich

Filosofo e teólogo alemão, tido como grande influência na teologia no século XX, em sua Teologia Sistemática, Paul Tillich define o êxtase religioso como sendo uma “revelação transcendente” onde o homem, levado para além da consciência de si mesmo pode adentrar o “sagrado” transformando assim o entendimento da existência. Para Paul Tillich, o êxtase não é apenas emoção ou irracionalidade, mas uma experiência ímpar com o sagrado que revela a presença do divino na existência humana.

“Êxtase significa estar fora de si mesmo. No sentido religioso, é o estado em que o ser humano é arrebatado para além de si mesmo, participando do fundamento do ser e experimentando a presença do divino.” (1987, p. 96 - 101).

1.3 C. G. Jung

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicanalista suíço fundador da psicologia junguiana ou psicologia analítica, mostra o êxtase religioso como uma invasão do inconsciente na consciência, trazendo à tona imagens de arquétipos de caráter sagrado e transformador sendo uma experiência essencial para que cada homem se torne um indivíduo único.

A experiência religiosa, em sua forma extática, é uma irrupção do inconsciente na consciência, trazendo à tona imagens arquetípicas que possuem caráter numinoso e transformador. (197, p. 189 - 210).

1.4 Ioan M. Lewis.

Ioan Myrddin Lewis, antropólogo social britânico grande autoridade no estudo da religião xamânica em especial na Somália, dá ênfase a dimensão social do êxtase religioso como um estado de exaltação espiritual, uma experiência intensa onde o homem entende estar possuído por forças sobre naturais capazes de o elevar a um plano novo de existência. Em meio a vida social estas experiências podem ser distinguidas entre aquelas que reforçam a ordem estabelecida, rituais e ou cultos onde o centro e a possessão, que legitimam o

poder e o controle estabelecidos. e as que marginalmente funcionam como resistência social, onde o rito pode ser entendido como um processo indireto contra o estabelecido. Define o êxtase religioso não somente como fenômeno psíquico ou místico, mas como um fato sociológico encontrado em uma gama grande de religiões variando em intensidade e forma. Podemos entender que o êxtase religioso, para Lewis, é um fenômeno social com opostos, de um lado, reforça a ordem e a coesão estabelecidos, do outro, abre brechas para resistência e expressão de grupos oprimidos.

“Estados de exaltação espiritual nos quais o crente se crê ‘possuído’ pela divindade e alçado a um novo plano do ser são encontrados em quase todas as religiões.” (1971, p. 17 - 39).

1.5 Rosileny Alves dos Santos.

Rosileny Alves dos Santos, graduada em música, psicologia com mestrado na área de teologia e história, em sua obra entre a razão e o êxtase, mostra o êxtase como sendo uma experiencia transcendente vivida em práticas místicas individuais ou coletivas, onde o homem fica em comunhão com o sagrado. Em sua obra, o êxtase também é visto como fenômeno cultural onde se pode observar valores e estruturas sociais.

“O êxtase religioso é uma experiência de transcendência que coloca o indivíduo em contato direto com o sagrado, revelando tanto dimensões espirituais quanto sociais da religiosidade.” (2004, p. 38 - 40).

1.6 Rudolf Otto.

Rudolf Otto, teólogo e filósofo alemão estudioso do estudo moderno e fenomenológico da religião, em sua principal obra *O Sagrado*, apresenta o conceito de numinoso para o sagrado, e descreve o êxtase como experiencia marcante na religião.

Para Otto O numinoso é aquilo que não pode ser explicado racionalmente, mas que se impõe como experiência irresistível, fascinante e tremenda. (2007, p. 42- 43).

1.7 Mircea Eliade.

Mircea Eliade define o êxtase religioso na obra *O Sagrado e o Profano* como uma experiência fundamental de rompimento com o mundo profano, onde o ser humano se eleva ao contato direto com o sagrado. Ele afirma que o êxtase é uma das formas mais intensas de manifestação do sagrado, pois permite ao

homem religioso transcender o cotidiano para participar de uma realidade superior. Não sendo apenas uma questão psicológica, mas existencial, pois transforma o modo de ser do homem e o coloca em uma dimensão transcendente que o leva direto ao divino.

O êxtase religioso é sempre a “experiência de uma realidade absoluta de uma transcendência que se revela ao homem como totalmente diferente da sua experiência profana” (1992, p.. 17). É uma ruptura radical com o mundo cotidiano e uma entrada no mundo sagrado (1992, p. 21 -22)

Em resumo as perspectivas das quais partiram as definições do êxtase religioso de cada autor foram:

- **Tillich**: Ênfase teológica e existencial.
- **Jung**: Ênfase psicológica e arquetípica.
- **Lewis**: Ênfase social e política.
- **Rosileny**: A razão ponto de partida para o êxtase.
- **Otto**: Ênfase fenomenológica e numinosa.
- **Eliade**: um contra ponto do profano para o sagrado.

Em cada perspectiva dos autores mostram o caráter multifacetado do êxtase religioso. juntos, estes definem o êxtase religioso como um fenômeno que pode ser compreendido como experiência social, psíquica, simbólica, fenomenológica e teológica. Essa pluralidade reforça sua relevância como objeto para um estudo interdisciplinar.

CAPITULO 2 – O ÊXTASE RELIGIOSO – EXEMPLOS NA HISTÓRIA E TRADIÇÕES RELIGIOSAS.

Em uma breve pesquisa pode-se observar a dimensão histórica do êxtase religioso. Sua manifestação em diversas tradições e culturas, como entre os gregos na antiguidade, o Israel no antigo testamento, o Cristianismo primitivo e contemporâneo, em religiões afro brasileiras, religiões etnogênicas, xamânica, etc.

Como um fenômeno humano mente e corpo podem evidenciar o estado de êxtase e apresentar reações diversas, quando uma pessoa se acha em estado de êxtase, Lewis cita como os “fenômenos acessórios”, “dom de línguas”, profecias, clarividência, transe, transmissão de mensagens dos mortos e outros dotes místicos”, associados a experiência de êxtase (LEWIS, 1977, p. 18), podemos acrescentar as diversas manifestações corpóreas. A psicologia Junguiana analisa e apresenta estas reações e ou evidencias como estados alterados de consciência.

O êxtase religioso manifesto através das tradições e práticas religiosas assume dimensões individuais, coletivas, psíquicas, teológicas, sociológicas e culturais. Teóricos como Eliade, Tillich, Otto, Lewis, Jung, entre outros, tem em comum que o êxtase é tanto uma experiência espiritual psicoteológico, quanto um fato sociocultural.

Estados de exaltação espiritual são encontrados em quase todas as religiões conhecidas avaliando o fenômeno extático como elemento recorrente e, estruturalmente importante na vida religiosa, a ponto de ser “o aspecto mais dramático e penetrante da experiência religiosa”. (LEWIS, 1977, p. 17 - 39).

2.1. Na Antiguidade

Mircea Eliade apresenta o êxtase religioso na antiguidade presente em cultos como culto a Dionísio, buscado por meio do vinho, da música e dança. Onde os participantes dos ritos eram levados a um estado de êxtase coletivo. Como já visto ele diz que “o êxtase religioso é sempre a experiência de uma realidade absoluta, de uma transcendência que se revela ao homem como totalmente diferente da sua experiência profana” (ELIADE, 1992, p. 17).

Eliade identifica, na Grécia Antiga, uma tradição extática de Aristeas de Proconeso, em estado de êxtase sua alma era arrebatada por Apolo assumindo a forma de um corvo podia estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Desta forma o êxtase religioso é visto em práticas antigas, também nos rituais religiosos ligados ao poeta mítico Orfeu, em ritos de iniciações de religiões xamânicas, como uma experiência transcendente fundamental para que o indivíduo participasse das realidades acima do seu cotidiano, não apenas um fenômeno psicológico, mas algo capaz de transformar o homem. Assim o êxtase em ritos, cultos, transes, possessão, viabilizavam a participação direta do homem ao mundo divino, legitimando também suas práticas religiosas, sociais e culturais.

Eliade traça paralelos entre a lenda de Epimênides de Creta e o êxtase xamânico mostrando uma influência do xamanismo na tradição religiosa da Trácia. O mito de Epimênides narra que, após dormir por tempos nas cavernas de Zeus no monte Ida, praticando Jejuns e orações, esta passa a ter longos êxtases. E aprendendo a dominar o êxtase, percorre o mundo curando, prevendo o futuro, livrando, como um sacerdote purificador, as pessoas de males advindos do passado enviados por demônios como punição a crimes cometidos por elas.

Os êxtases de Epimênides, suas curas, seus poderes de adivinhações e visões proféticas são elementos de religiões xamânicas observados na religião da Grécia indicando sua influência.

2.2. O Êxtase entre os povos do Antigo Testamento.

Na bíblia a vários exemplos de “processo extático”, inúmeras narrativas são permeadas de arrazoados que podem ser analisados sob vários aspectos, entre eles o psicológico, verificando alguns destes exemplos para uma reflexão de como o êxtase em suas dimensões psicoteológica, também faz parte da religião e história do povo Hebreu. Ela considera que a exemplos que “se destacam pelo seu estilo narrativo (histórico-teológico), também por seu conteúdo extático intenso e sua marca de religiosidade”, como em Juízes 11 - 12 (SANTOS, 2004, p. 62).

Von Rad., diz que o movimento extático profético foi apresentado a Israel pelas religiões cananeias, então após a conquista de Canaã, começam a aparecer em Israel pessoas em estado de êxtase. Para ele este movimento surge no século XI a.C. na Palestina e Síria. Dessa forma a constituição étnica israelita é resultado da junção de várias formas religiosas e culturais (VON RAD, 1973, p. 12)

Em 1Samuel 19.19 – 24, lemos que o rei Saul se achando tomado (em êxtase) do Espírito de Deus “profetizou” nu por todo o dia e noite. O profeta Ezequiel (3.14) fala sobre ser levado em êxtase pelo Espírito e, estando nesse estado, recebia instruções divinas. Para Israel o êxtase religioso não era apenas uma experiência psíquica-emocional, mas um modo pelo qual Deus comunica sua vontade e propósito ao povo. Ainda no Livro de Samuel, encontra-se a narrativa da experiência extática religiosa de Ana. Uma mulher estéril que deseja imensamente ter um filho, por essa razão vive em grande dor.

Apelando às forças exclusivas do divino, Ana passa a orar de maneira intensa e tão peculiar que seu modo, “pouco ortodoxo” de oração, causa estupor e perplexidade no sacerdote Eli, ele então julga que Ana deve estar alterada pela bebida, a passagem parece indicar que o êxtase é vivenciado de forma negativa em desespero e agonia. É comum, em Israel a atuação profética estar vinculada ao fenômeno do êxtase.

Muito provavelmente porque, como diz Von Rad., a profecia em Israel tem sua origem, ou ao menos é influenciada, nos movimentos extáticos do Antigo Oriente, onde o êxtase de tipo xamânico é visto em algumas experiências e, também na apocalítica judaica. Êxtase e profecia apresentados como a fé judaica mostra um rosto próprio para o fenômeno extático.

2.3. O êxtase no Cristianismo

O movimento extático em Israel e o movimento extático nas comunidades cristãs primitivas têm o mesmo processo, continuidade e descontinuidade, e esses fenômenos inferem também na apocalíptica cristã primitiva. O papel que o êxtase tem não só na experiência cristã primitiva como no cristianismo em geral, aparece em experiências ‘místicas’. Paul Tillich afirmar que: “êxtase significa estar fora de si mesmo. No sentido religioso, é o estado em que o ser humano é arrebatado para além de si mesmo, participando do fundamento do ser e experimentando a presença do divino” (1987, p. 96 – 101). A no Novo Testamento vários exemplos dessa perspectiva de êxtase religioso.

Em Corinto temos o exemplo de um culto cristão, tido com carismático, onde uma comunidade de transição, gregos, judeus e romanos, passam pela formação de uma nova identidade religiosa, dentro de uma cultura urbana a partir de religiosidades que já conheciam. Paulo intervém na comunidade fazendo observações e dando instruções sobre os ritos e as formas que se desenvolviam

as celebrações, pontuando questões culturais, organizacionais, dogmáticas, mas, não advertindo ou proibindo o êxtase, que é manifesto de várias formas durante os cultos da comunidade incluindo uma forma de glossolalia.

O texto de 1 Co. bem conhecido entre os cristãos, junto com a narrativa em Atos 2, tornam-se passagens clássicas em que se pode observar o êxtase religioso. Em Atos2, vemos desde o êxtase entre os apóstolos e os discípulos que se juntaram em Jerusalém a esperar, sob ordens de Jesus, até na multidão, envolvida por diversas emoções e extasiada questiona o que está acontecendo e quem são estes homens “que ouvimos falar em nossa própria língua”, vemos mesmos alguns que, envoltos e dispostos a mesma ocorrência, ao que parece são indiferentes ao êxtase chegando mesmo a zombar do que veem, porém assentem que os discípulos estão eufóricos “fora da normalidade” acusando-os de estarem bêbados, At2.1 – 13; 1Co.11 – 14 (ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA).

Ioan Lewis afirma que fenômenos como o transe e a possessão são partes centrais do êxtase (1977, p. 11 – 15), seguindo este pensamento temos várias outras passagens em que personagens centrais em estado de êxtase vivenciam tais fenômenos, como endemoniado de Gadara, Marcos 5.1 – 20 “E chegaram à outra margem do mar, à província dos gadarenos. ² E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com espírito imundo, ³ o qual tinha a *sua* morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender. ⁴ Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões, em migalhas, e ninguém o podia amansar. ⁵ E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras. ⁶ E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. ⁷ E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes. ⁸ (Porque lhe dizia: Sai deste homem, espírito imundo.), (ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA).

Atos 10.9 E no dia seguinte, indo eles seu caminho, e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta.¹⁰ E tendo fome, quis comer; e, enquanto lhe preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos,¹¹ E viu o céu aberto, e que descia a ele um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra.¹² No qual havia de

todos os animais quadrúpedes e feras e répteis da terra, e aves do céu.¹³ E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come.¹⁴ Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.¹⁵ E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou.¹⁶ E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se ao céu.¹⁷ E estando Pedro duvidando entre si acerca do que seria aquela visão que tinha visto, eis que os homens que foram enviados por Cornélio pararam à porta, perguntando pela casa de Simão.¹⁸ E, chamando, perguntaram se Simão, que tinha por sobrenome Pedro, morava ali.¹⁹ E, pensando Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito: Eis que três homens te buscam.²⁰ Levanta-te pois, desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei; 10.44 E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.⁴⁵ E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios.⁴⁶ Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus.⁴⁷ Respondeu, então, Pedro: Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo? (ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA). Atos 10 descreve o apóstolo Pedro enquanto ora tem uma experiência extática que o faz rever seu posicionamento e crença frente sua missão e, a quem apresentar as boas novas. Cornélio e os que estavam em sua casa, em êxtase, recebem a mensagem de Pedro, suas reações surpreendem ao apóstolo e os que o acompanhavam.

O Apóstolo Paulo, 2Co.12.1 Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. ² Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu. ³ E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) ⁴ Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar. ⁵ de alguém assim me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. ⁶ porque, se quiser gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas deixo isto, para que ninguém cuide de mim mais do que em mim vê ou de mim ouve. ⁷ E, para que não me exaltasse pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar. ⁸ Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de

mim. ⁹ E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. (ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA).

Paulo afirma que teve uma experiência extática, foi arrebatado a uma realidade acima do cotidiano, um local que identificou como “terceiro céu”. e a experiência teve tal impacto sobre si que se sente incapaz de expressá-la em palavras. Um estado de consciência elevado que o permitiu ter um contato com o Divino e uma maior compreensão de sua vontade.

2.4. Dois movimentos cristãos em que a ocorrência do êxtase e seus “fenômenos acessórios” são observados.

“Para os fiéis pentecostais, a “fé viva” não diz respeito a integridade doutrinária. nem a precisão teológica, mas principalmente a experiência atribuída a vivência de um Deus Transcendente como uma realidade concreta na vida dos fiéis. Portanto o êxtase religioso e as experiências extáticas são características fundamentais da maioria das tradições pentecostais, pois é através dessa experiência que os fiéis “sentem” a presença de Deus” (VITSIL, 2019, p. 18 – 19)

No pentecostalismo Brasileiro o êxtase religioso é vivenciado em meio a manifestações de glossolalia, curas, visões, dança, convulsões, declarações proféticas. o êxtase pentecostal é vivido como experiência de contato direto com o Espírito Santo, legitimando a autoridade espiritual e reforçando a identidade comunitária, através destas manifestações extáticas os fiéis dizem sentir a presença de Deus (VITSIL, 2019, p. 23 – 62).

No Pentecostalismo a liberdade em seus ritos e cultos, para se demonstrar o estado de êxtase efusivamente através de manifestações corpóreas. Em movimentos tradicionais essa efusão corpórea por vezes é limitada e até suprimida a depender da crença e da instituição.

Assim pesquisamos o R.C.C. movimento “renovação, católico carismática”, na história do catolicismo o êxtase é visto relatado na sua tradição através de indivíduos, como o êxtase de Santa Teresa d’Ávila que descreve que Estava em oração quando se via tomada por uma força arrebatadora a qual não se podia resistir (d’ÁVILA, 2010, p. 177 – 190).

Em 1967 surge entre os católicos o RCC , Movimento Renovação Católico Carismática nos Estados Unidos, em um evento realizado na Universidade de

Duquesne Também conhecido como “Fim de semana de Duquesne”, foi descrito pelos participantes como sendo “uma experiência marcada pelo Batismo com o Espírito Santo”, com manifestação de dons carismáticos e o falar em línguas espontâneas, o movimento se espalhou por todo o mundo tendo uma forma e ritos e cultos muito parecidos com movimento evangélico pentecostal.

Em sua dissertação para mestrado em teologia na PUC do rio de Janeiro Maria de Fatima de Carvalho Ferreira Barbosa diz sobre o RCC que: “Devido às dificuldades enfrentadas, vem a necessidade da sistematização (ritos e doutrinas), a qual provoca o enfraquecimento da dimensão extática e os carismas caem no esquecimento, A doutrina passa então a ser totalmente racional e o *kerigma* cristão perde lugar para a filosofia moral, havendo assim o declínio da Igreja Extática”. Afirma que no período da Escolástica esta sistematização torna-se mais intensa a racionalizando as doutrinas separando a igreja e o mundo, o Kerigma perde lugar para a “filosofia moral” e a “experiência de fé” é vista por uma linguagem racional instruída pelo dogma”. Segundo Maria de Fatima o RCC foi incentivado, de certa forma, pelo Concílio Vaticano segundo, levando o catolicismo a uma renovação pentecostal, voltando a trazer as suas práticas a manifestação de dons carismáticos, também uma grande alegria aos cultos pela liberdade, antes suprimida, para a expressão corpórea do êxtase na igreja³.

2.5. O êxtase nas religiões afro-brasileiras

Nas tradições como umbanda e candomblé, o transe e a incorporação são centrais para o culto, “o êxtase religioso é estado onde o indivíduo manifesta sua ligação com o divino”, através da posseção de entidades que definem os ritos e suas práticas religiosas. O êxtase é buscado a través das músicas, danças “expressões corporais específicas”, rezas, bebidas, etc. A esfera divina, em êxtase, é alcançada manifestando-se em curas, predições, unindo homem e divindade. Roger Bastide descreve: “o transe é a passagem do indivíduo para um estado em que o corpo se torna veículo da divindade, e a comunidade reconhece nele a presença do sagrado” (BASTIDE, 1961, p. 25 – 31).

³ <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35224/35224.PDF>

2.6. O êxtase em outras tradições religiosas

No sufismo islâmico, os dervixes rodopiantes buscam a união com Deus por meio da dança, Rudolf Otto descreve esse tipo de experiência como fascinante e tremenda, algo que não pode ser explicado racionalmente, mas que se impõe como irresistível (OTTO, 2007, p. 44 – 97). No hinduísmo e budismo, estados de samadhi e nirvana são compreendidos como formas de êxtase espiritual que transcendem o ego.

O xamanismo, “*Locus Classicus*” (LEWIS, 1971, p. 49), é por excelência, um fenômeno religioso siberiano e centro-asiático. A palavra chegou até nós através do russo, do Tungue Saman. Nas outras línguas do centro e do norte da Ásia;’. Em religiões Xamânicas o Xamam é a figura central, o líder, sacerdote com suas “técnicas arcaicas do êxtase” (ELIADE, 2002, p. 16).

No êxtase de tipo xamânico, o xamã (líder – sacerdote) recebe da divindade uma linguagem secreta que ao ser utilizada, veicula a descida dos espíritos sobre ele, conduzindo o xamã a profetizar, fazendo com que esta saia do “mundo racional” e entre num “mundo espiritual” sem perder a sua consciência. Por permanecer consciente, ele é capaz de receber mensagens divinas e interpretá-las como o querer dos deuses para os humanos, estas experiências estáticas legitimam a importância e a posição do xamã em sua sociedade.

2.7. Exemplo de religião etnogênica, o Santo Daime.

Religiões etnogênicas são as que usam algum tipo de substância em seus ritos e cultos como catalizador para o êxtase ponte entre o divino e o humano. Segundo Claudio Alvarez Ferreira “O movimento religioso brasileiro conhecido como Santo Daime, nasceu na periferia de Rio Branco do Acre, durante a década de 30, do século XX. Fundado pelo maranhense Raimundo Irineu Serra esse movimento religioso tem como eixo central de sua ritualística a ingestão de uma bebida sagrada conhecida como Santo Daime”. (FERREIRA, 2008, p. 8,9)⁴. O mesmo autor diz que: ‘Durante o processo de formação, foram sendo fundidas e reelaboradas diversas matrizes religiosas das mais diversas, como o cristianismo, o xamanismo amazônico, correntes esotéricas, o espiritismo

⁴ <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2081>

Kardecistas e as religiões afro-brasileiras. Considerando a matriz xamânica como a mais importante”.

O movimento afirma que sua busca por um contato com o extra material, não sendo uma simples alteração de consciência ou criação da mente humana, suas práticas são tidas como extáticas tendo a bebida ayahuasca, como o caminho para o êxtase religiosos Daimista. O uso da ayahuasca é protegido pelo art. 5º, VI da Constituição. A Resolução 1/2010 do CONAD proíbe uso comercial, turismo ayahuasqueiro e publicidade. A substância só pode ser usada dentro do ritual, por adeptos.

2.8. O êxtase e a cultura contemporânea

O êxtase religioso dialoga com a arte e a cultura. Rudolf Otto já afirmava que o numinoso “provoca arrebatamento e enlevo, mas também temor e tremor” (OTTO, 2007, p. 65 - 70).

Além das práticas religiosas, experiências extáticas aparecem em shows musicais, esportes e movimentos sociais, como fenômeno humano transcende,

O êxtase religioso na cultura contemporânea não desapareceu, ele migrou e foi ressignificado. No cristianismo primitivo o êxtase era uma experiência um arrebatamento fora de si, que leva ao contato com o divino. Hoje o mesmo impulso aparece, mas o objeto de transcendência muda e a linguagem teológica foi substituída por psicologia, neurociência e estética. Onde aparece agora :Música e festivais: raves, shows de rock, festivais como Burning Man funcionam como rituais para o transe coletivo. Luz estroboscópica, batida repetitiva, multidão - é a mesma estrutura do culto a Dionísio, com a diferença de que a experiência em si se torna o “deus”. Em práticas como meditação transcendental, retiros de respiração, tem como objetivo deixar o ego ordinário e ter uma experiência de unidade. Mircea Eliade chama de “hierofania secularizada” (ELIADE, 1992, p. 18 – 19).

Também a tecnologia com a imersão em realidade virtual, games e até maratonas de séries, ativa circuitos de dopamina similares ao êxtase. um êxtase sem referência transcendental, mas com a mesma lógica de suspensão do tempo e do cotidiano. Culto pentecostal: é tido como o lugar onde o êxtase religioso tradicional sobrevive de forma mais explícita. Línguas, queda no espírito e cura, o corpo é o meio da experiência. Pesquisas de sociologia da religião no

Brasil mostram que isso atrai justamente por oferecer uma experiência imediata de Deus, sem mediação institucional pesada.

A tensão da modernidade desconfia do êxtase porque ele ameaça o indivíduo autônomo e racional. Kant já via isso como entusiasmo (*Schwärmerei*) patológico⁵. Então a cultura atual faz duas coisas: Psicologiza: reduz o êxtase somente ao um a um estado alterado de consciência, trauma ou química cerebral. Rudolf Otto diria que perdemos o “mysterium tremendum” (OTTO, 2007, p. 49 – 56) e ficamos só com o “fascinans” (OTTO, 2007, p. 56 – 63). Estetiza: transforma em arte, performance ou bem-estar, o êxtase responde a carência que a racionalidade técnica não resolve, a necessidade de romper com o tempo, trabalho e produtividade. A cultura pode oferecer substitutos, mas eles não sustentam sentido a longo prazo, porque não apontam para um fundamento último além do próprio sujeito.

Como por exemplo a música é capaz de levar o indivíduo a estados alterados de consciência (SANTOS, 2004, p. 150 – 153) sendo o êxtase um destes estados, da melancolia a euforia da tristeza a alegria, a música e facilmente um caminho para o êxtase, estando presente em inúmeros ritos religiosos. Rosileny Alves dos Santos destaca que o êxtase também pode ser observado em práticas musicais religiosas, onde o canto e a música conduzem o fiel a uma experiência de transcendência (2004, p. 184 - 185).

A música, portanto, é veículo privilegiado para a experiência extática, seja em cultos cristãos, em rituais afro-brasileiros ou mesmo em Shows e encontros tipos Raves. Mesma estrutura antropológica nestes casos, tem três elementos: Ruptura com o cotidiano: em Corinto o culto rompia com o tempo do trabalho e da pólis. Hoje o festival rompe com a rotina do trabalho e do algoritmo. Dissolução do eu: em Corinto era a pessoa sendo “tomada” pelo Espírito, perdendo controle da fala para falar em línguas. No festival é a pessoa se dissolvendo na massa, no som, no movimento repetitivo até perder noção de individualidade. Suspensão do tempo: Paulo fala em “estar no Espírito” como antecipação da glória vindoura. A rave fala em “perder a noção do tempo”, estar no flow. É a mesma experiência de kairós contra Chronos. Deuses diferentes Em Corinto: o deus é pessoal e ético. O Espírito que arrebatava também exige

⁵ KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*.

santidade e edificação mútua. O êxtase não é fim em si, mas meio para construir a igreja. Por isso Paulo corta o êxtase desordenado em 1 Cor 14:40. Se não edifica o outro, é barulho. No festival contemporâneo: o deus é imanente e impessoal. Pode ser a Vida, a Energia, a Unidade Cósmica, ou nem ter nome. O êxtase é autorreferencial: o objetivo é a intensidade da experiência em si. Não há demanda moral posterior, só a ressaca e a volta ao trabalho na segunda. A diferença decisiva é a memória. O êxtase coríntio aponta para fora de si: para Deus e para a comunidade. Ele cria narrativa, identidade e compromisso que dura além da reunião. Por isso Paulo se preocupa com interpretação e ordem. O êxtase contemporâneo aponta para dentro de si: para o próprio sentimento de plenitude. Ele gera memória, mas não necessariamente tradição. Dura até o próximo evento. É por isso que sociólogos, como Colin Campbell, chamam isso de pico-experiência consumível o risco que Paulo já via. Em 1 Coríntios 12:2 lembra que os coríntios antes eram arrastados para os ídolos mudos (ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA). O mesmo impulso extático que antes servia a Dioniso agora serve ao Espírito Santo. Se você troca o deus, mas mantém a estrutura sem discernimento, o corpo ainda entra em transe, mas o sentido se esvazia. Hoje se percebe isso quando o festival vira indústria e o participante vira consumidor de sensações. O corpo está em êxtase, mas a alma fica na mesma. Para uma maior compreensão, dá para comparar com o deus otiosus: no festival o deus também está ausente. Não há revelação, só experiência. No culto coríntio o deus fala e exige resposta. É por isso que um cria igreja e o outro cria só álbum de fotos.

2.9. Dimensão social do êxtase.

Lewis também destaca que o êxtase pode reforçar a ordem social ou servir como resistência a ela: “Em meio à vida social, estas experiências podem ser distinguidas entre aquelas que reforçam a ordem estabelecida e as que funcionam como resistência social” (LEWIS, 1977, p. 159 – 160).

Assim, o êxtase não é apenas individual, mas também coletivo, legitimando lideranças ou dando voz a grupos marginalizados.

Estabelece uma relação com o ser humano, pois este tem o enorme desejo de se comunicar. Por sua vez, o ser humano é impulsionado a estar na presença de Deus e a comunicar-se com Ele.

Eliade apresenta o porquê e como se busca a ligação com o divino:

a) In illo tempore, nos tempos paradisíacos da humanidade, uma ponte ligava a Terra ao Céu e passava-se de um ponto ao outro sem encontrar obstáculos, pois não havia morte;

b) uma vez interrompidas as comunicações fáceis entre Terra e Céu, só era possível atravessar a ponte “em espírito”, ou seja, como morto ou em êxtase;

c) essa passagem é difícil; em outros termos, está cheia de obstáculos e nem todas as almas conseguem transpô-la; é preciso enfrentar os demônios e os monstros que querem devorar a alma, ou então a ponte se torna estreita como lâmina de navalha à passagem dos ímpios etc.: só os “bons” e, em especial, os iniciados atravessam facilmente a ponte (estes últimos conhecem de algum modo o caminho, pois já passaram pela morte e pela ressurreição rituais);

d) certos privilegiados conseguem, porém, atravessá-la em vida, seja em êxtase, como os xamãs, seja “à força”, como certos heróis, seja, enfim, “paradoxalmente”, pela “sabedoria” ou pela iniciação.” (ELIOADE, 2002, p. 523 – 524)

Eliade afirma que: “Já na tradição extática precedente, não era incomum encontrar relatos de situações extáticas derivadas de experiências limites e, algumas vezes, negativas. O que chama atenção, no relato de Ana, é o fato de estarmos diante de uma vivência extática, de profunda concentração, de estado emocional conflituado por desejo intenso de alcançar algo inalcançável. Este quadro, associado ao censo religioso da personagem, gerou situação de êxtase”. (SANTOS, 2004, p. 66 – 71).

Os teóricos mostram o êxtase, legitimado como uma ocorrência comum como fenômeno humano, não entusiasmo, quanto a religião é universal se manifestando em várias tradições religiosas de todas épocas da história humana. Pode ser vivenciado em experiências individuais e coletivas, estas estando ligadas a dimensão sociocultural como psíquico-teológica, tornam-se objeto do desejo humano para fugir da realidade apresentada como, para as religiões, atingir a realidades e ligações divinas.

Neste capítulo a pesquisa pode observar a afirmação do êxtase como fenômeno humano histórico, seu aspecto Psíquico-teológico sua condição de desejo e necessidade para diversas tradições religiosas, identificar que as experiências extáticas são vivenciadas não apenas na mente, mas em manifestações corpóreas, também como entender sua legitimidade que, aqui

não se trata da veracidade do modo, crenças e ou religiões mas, sim entender que é de se esperar sua ocorrência nas experiências religiosas, culturais e sociais humanas.

CAPITULO 3 – O ÊXTASE RELIGIOSO NA TEOLOGIA SISTEMÁTICA CONTEMPORÂNEA: CONVERGENCIAS E DIVERGENCIAS TEÓRICAS.

O fenômeno do êxtase religioso, compreendido como experiência intensa de transcendência e percepção ampliada da presença divina, ocupa posição controversa na tradição teológica cristã. Ainda que a história do cristianismo e o testemunho bíblico registrem situações de arrebatamento espiritual, a teologia sistemática contemporânea apresenta divergências significativas quanto à vivência e permanência do êxtase na experiência da igreja, também acerca de sua função, legitimidade e relação com a revelação divina. O breve comparativo a seguir entre autores da tradição reformada clássica tem por objetivo evitar uma abordagem unilateral do tema. Considerando que os autores cristãos analisados anteriormente pertencem, em maioria, à tradição pentecostal, torna-se relevante apresentar perspectivas oriundas de outros sistemas teológicos. Embora o êxtase religioso receba diferentes interpretações e graus de importância nas diversas tradições cristãs, o fenômeno é reconhecido como parte da experiência religiosa humana de forma ampla.

Louis Berkhof e Herman Bavinck, compreendem tais manifestações primordialmente como fenômenos extraordinários vinculados ao período da revelação especial. Desse modo as experiências extáticas encontram-se relacionadas ao contexto de formação da revelação profética e apostólica, que tinha como finalidade autenticar a comunicação divina. Segundo Berkhof, a revelação especial de Deus culminou em Cristo e nos escritos apostólicos, indicando que manifestações extraordinárias não constituem elemento principais da espiritualidade cristã posterior (1990, p. 610 – 616).

De modo semelhante, Bavinck sustenta que, a revelação objetiva em Cristo e nas Escrituras possui caráter completo e suficiente, insistindo que a experiência religiosa jamais pode substituir a autoridade normativa da Palavra (2022, p. 345 – 375). A tradição reformada estabelece importante distinção entre revelação e iluminação. Revelação refere-se à comunicação objetiva, normativa e redentora de Deus registrada nas Escrituras, enquanto iluminação designa a atuação interior do Espírito Santo na compreensão subjetiva da verdade revelada. Assim, embora admitam a realidade do êxtase religioso classificado por vezes como experiência espiritual, autores reformados rejeitam qualquer

pretensão de que estados extáticos possam acrescentar novas revelações à fé cristã.

Norman Geisler aproxima-se da compreensão chamada cessacionista. Para Geisler, milagres e sinais tinham função confirmatória da revelação divina de maneira que, experiências extraordinárias devem ser avaliadas à luz das Escrituras, esta revelação portanto, prevalece sobre manifestações subjetivas, como o êxtase, da religiosidade (2015, p. 430 – 700). Em contraste,

Wayne Grudem defende a continuidade dos dons espirituais e admite a possibilidade contemporânea de experiências intensas relacionadas à atuação do Espírito Santo. Em sua compreensão, manifestações espirituais extraordinárias permanecem legítimas, desde que subordinadas ao discernimento bíblico e à direção da igreja. Segundo Grudem, os dons do Espírito continuam válidos para a edificação da igreja hoje, embora ressalte a necessidade de ordem e discernimento comunitário, embora ressalte a necessidade de ordem e discernimento comunitário. Assim o êxtase religioso não é concebido como nova revelação doutrinária, mas como possível expressão da vivência cristã do Espírito (2010, p. 530, 635, 859 e 892).

A abordagem de Wolfhart Pannenberg segue direção distinta. Embora, como a maioria, Pannenberg não desenvolva uma teologia específica do êxtase religioso, ele oferece conceitos que permitem compreender experiências religiosas intensas dentro da dinâmica histórica da revelação e da abertura humana ao transcendente. Segundo ele, a experiência da realidade de Deus está ligada à abertura do homem ao futuro (2009), indicando que a transcendência divina se manifesta historicamente na existência humana. Dessa forma, experiências espirituais profundas são interpretadas menos como rupturas sobrenaturais extraordinárias e mais como expressões da relação entre transcendência, história e escatologia (2009, p. 25 – 49).

Por sua vez, Millard Erickson assume posição moderadora. Segundo Erickson (2015), a legitimidade da vitalidade espiritual e da experiência religiosa intensa, mas insiste que tais manifestações devem permanecer subordinadas ao discernimento bíblico, à ordem e ao domínio próprio. Conforme afirma, a experiência cristã genuína nunca contradirá a revelação bíblica. Sua perspectiva busca preservar simultaneamente a realidade da atuação espiritual e a suficiência doutrinária das Escrituras (2015, p. 809 – 859).

De modo semelhante, Alister McGrath (2012), procura integrar experiência religiosa e reflexão teológica sem reduzir a fé cristã ao subjetivismo emocional. Para McGrath, a experiência cristã necessita ser interpretada à luz da tradição e das Escrituras. Assim, a experiência espiritual possui relevância hermenêutica e existencial, mas não constitui por si o fundamento da verdade teológica (2012, p. 185 – 232).

A análise comparativa desses autores demonstra que o consenso acerca do êxtase religioso é parcial e restrito ao reconhecimento de sua presença nos registros bíblicos. Todos admitem a ocorrência histórica de experiências extraordinárias associadas à revelação especial. Entretanto, as divergências emergem precisamente na compreensão da relação entre Escritura, experiência e atuação contemporânea do Espírito Santo.

Enquanto Berkhof e Geisler enfatizam a suficiência da revelação proposicional e a natureza não doutrinária das experiências extáticas, Grudem admite sua continuidade como possibilidade legítima da vida da igreja. Erickson e McGrath ocupam posições intermediárias, procurando conciliar vitalidade espiritual e normatividade bíblica. Já Pannenberg interpreta a experiência religiosa intensa dentro da historicidade da revelação e da abertura escatológica da existência humana. Conforme demonstrado na Tabela 1, os principais teólogos contemporâneos divergem quanto à interpretação das experiências extáticas.

Tabela 1 – Comparação dos Teólogos Sistemáticos

Autor	Posição sobre o Êxtase	Continuidade Atual?
Louis Berkhof	Fenômeno ligado à revelação especial	Não
Herman Bavinck	Subordinado às Escrituras	Não como revelação
Norman Geisler	Sensacionista	Muito restrita
Wayne Grudem	Continuísta	Sim
Millard Erickson	Moderada	Com discernimento
Alister McGrath	Valor experiencial	Sim, subordinado à teologia
Wolfhart Pannenberg	Perspectiva histórico-escatológica	Possível

Elaborado pelo autor (2026).

Entende-se que a teologia sistemática contemporânea não oferece um entendimento único acerca do êxtase religioso. Sua legitimidade e funcionalidade dependem diretamente dos métodos e pressupostos adotados por cada sistema dogmático, seja o rigor da tradição reformada clássica, a abertura continuísta da teologia carismática ou a interpretação histórico-teológica da experiência religiosa, para a maioria dos autores analisados, o êxtase religioso pode, no máximo, atuar como elemento auxiliar da experiência cristã, jamais como substituto da centralidade normativa das Escrituras.

A partir da análise realizada, observa-se que o êxtase religioso constitui uma dimensão recorrente da experiência humana e religiosa. Embora sua interpretação varie conforme os pressupostos teológicos, culturais e históricos adotados, o fenômeno não pode ser reduzido a uma única explicação. Sua ocorrência em diferentes tradições religiosas e contextos sociais sugere que se trata de uma experiência complexa, passível de investigação teológica, psicológica, antropológica e sociológica. Nesse sentido, o estudo do êxtase religioso permanece relevante para a compreensão da espiritualidade humana e das múltiplas formas pelas quais os indivíduos interpretam sua relação com o transcendente.

CAPITULO 4 — AS ESTRUTURAS DO ÊXTASE APRESENTADAS EM PESQUISAS DE CAMPO

4.1 O êxtase religioso nas pesquisas antropológicas de Ioan M. Lewis

O antropólogo Ioan M. Lewis afirma que os “estados de exaltação espiritual nos quais o crente se crê possuído pela divindade e alçado a um novo plano do ser são encontrados em quase todas as religiões”. A partir dessa perspectiva, o autor analisa experiências extáticas presentes em tradições xamânicas africanas, haitianas e siberianas, compreendendo o êxtase religioso sob um enfoque predominantemente sociológico e antropológico.

Em suas pesquisas, Lewis demonstra que as experiências de transe e possessão não podem ser analisadas apenas como fenômenos individuais ou psicológicos, mas também como elementos estruturantes das relações sociais e de poder dentro das comunidades religiosas. Nesse sentido, o êxtase passa a exercer função legitimadora da autoridade espiritual, especialmente no contexto do xamanismo, no qual a demonstração pública de estados alterados de consciência confere reconhecimento religioso ao indivíduo.

O autor também menciona experiências místicas induzidas por substâncias psicoativas, referindo-se às “drogas sacramentais do tipo do LSD” (1977, p. 40), associadas à busca de estados alterados de consciência. Embora faça distinção entre transe e possessão, Lewis compreende ambos como formas de alteração psíquica vinculadas ao universo religioso. Para ele, tais manifestações podem ser definidas como um “estado de dissociação” mental, “completo ou parcial” (1977, p. 41), característico das experiências extáticas.

Lewis explica ainda que o termo “xamã” possui origem tungue, proveniente da Sibéria, região que o autor denomina como o “lôcus classicus do xamanismo” (1977, p. 49). O termo era utilizado para designar indivíduos que apresentavam estados de tremores, excitação nervosa, comportamentos compulsivos e imitação de palavras ou gestos, manifestações que nem sempre eram atribuídas à ação de espíritos. Apesar disso, nas tradições xamânicas, o xamã é compreendido como aquele capaz de estabelecer contato e domínio sobre entidades espirituais.

Segundo Lewis, “xamã é uma pessoa de qualquer sexo que dominou os espíritos e que pode, à sua vontade, introduzi-los em seu próprio corpo”, entrando, assim, em “estados controlados de transe” (1977, p. 58). Dentro dessa

estrutura religiosa, acredita-se que o xamã possui capacidade de tratar enfermidades causadas por espíritos malignos, atuando como mediador entre o mundo espiritual e a comunidade. Dessa forma, o xamã ocupa posição central na organização social da tribo ou clã, sendo frequentemente reconhecido como “mestre dos espíritos” ou “grande homem”, responsável pela proteção coletiva e pelo bem-estar social.

Outro aspecto relevante apresentado por Lewis refere-se ao processo de escolha do xamã. Em muitas culturas, o indivíduo é identificado a partir de experiências espirituais intensas, frequentemente associadas a crises emocionais, enfermidades ou distúrbios psicológicos. Em outros contextos, a função xamânica é herdada dentro de determinadas linhagens familiares. Em ambos os casos, a experiência extática torna-se elemento fundamental para legitimar a autoridade religiosa do indivíduo.

Lewis também observa que o fenômeno do êxtase religioso frequentemente emerge em contextos de opressão social. O autor relaciona o surgimento de líderes visionários e movimentos separatistas à necessidade de resistência contra estruturas políticas, religiosas e sociais opressoras, citando, por exemplo, determinados contextos do sistema hindu e experiências históricas ligadas ao cristianismo institucional. Nesses cenários, a experiência extática passa a funcionar como mecanismo de afirmação social, resistência simbólica e ascensão de indivíduos marginalizados.

Nesse contexto, o êxtase religioso não se limita à dimensão espiritual, mas também se relaciona à disputa por reconhecimento, autoridade e poder dentro das comunidades religiosas. Como afirma Lewis, tornar-se xamã ou líder espiritual legitimado pela experiência com a divindade “passa a ser o objetivo explícito e abertamente encorajado numa comunhão extática que representa o ápice da experiência religiosa” (1977, p.161). Assim, as experiências extáticas podem ser compreendidas não apenas como manifestações religiosas individuais, mas também como instrumentos de legitimação social e liderança comunitária.

4.2 O êxtase religioso na pesquisa de Rosileny Alves dos Santos

Em sua obra *Entre o Êxtase e a Razão*, Rosileny Alves dos Santos desenvolve uma pesquisa voltada à compreensão de como indivíduos religiosos, independentemente de sua condição socioeconômica, “reagem a momentos em

que convivem com o êxtase religioso” (2004, Pág. 179). Sua investigação observa a manifestação do êxtase em ambientes de culto pertencentes a comunidades cristãs de tradição pentecostal, analisando especialmente os elementos emocionais, litúrgicos e sociais envolvidos nessas experiências.

A autora destaca que, nos cultos pesquisados, havia um “considerável número de pessoas oriundas de ambientes cúlticos protestantes chamados históricos e/ou de paróquias católicas” (2004, Pág. 180). Tal observação demonstra que a experiência extática não se restringe a um único grupo religioso, mas exerce atração sobre indivíduos provenientes de diferentes tradições cristãs, especialmente em contextos marcados por forte experiência emocional e busca de proximidade com o divino.

Segundo Santos, as entrevistas realizadas permitiram distinguir manifestações extáticas espontâneas e manifestações induzidas. Para isso, a pesquisadora estruturou perguntas que possibilitaram identificar os diferentes modos pelos quais os participantes compreendiam e experienciavam o êxtase religioso. Em sua análise, torna-se evidente que muitos dos envolvidos interpretavam o êxtase como um meio de aproximação direta com Deus, compreendendo a experiência religiosa intensa como sinal de contato espiritual profundo.

A pesquisa também evidencia que o êxtase religioso, nesses contextos, frequentemente ocorre associado à condução litúrgica de líderes religiosos e à organização ritual do culto. Santos observa que as comunidades pesquisadas apresentavam “itens comuns”, entre eles a glossolalia e manifestações extáticas que podiam ser interrompidas mediante comando externo do dirigente religioso. Nesse sentido, a autora afirma que “é como se o dirigente tivesse certo poder de condução da emoção do grupo. As emoções não são incidentes, mas caminhos litúrgicos e espirituais” (SANTOS, 2004, Pg. 181).

Tal constatação sugere que o êxtase religioso não ocorre apenas como experiência individual espontânea, mas também como fenômeno socialmente estruturado e simbolicamente orientado dentro da dinâmica comunitária. Assim, emoção e racionalidade coexistem em tensão no ambiente religioso, uma vez que, conforme aponta a autora, “razão, de um lado, emoção de outro, em parte convivem e em parte se confrontam” (SANTOS, 2004, Pg. 181).

Os participantes da pesquisa relataram sentir-se em “contato direto e profundo com Deus”, demonstrando que a experiência extática é compreendida pelos fiéis como vivência legítima da espiritualidade cristã. A investigação de Santos apresenta diversos aspectos relacionados à vivência do êxtase nas comunidades pesquisadas, revelando como estados alterados de consciência são interpretados religiosamente e integrados à prática litúrgica pentecostal.

Ao concluir sua análise, Santos afirma que os “estados alterados de consciência nos levam a pensar que nossa consciência não é estática, mas extática. Nosso sistema de percepção é extático. Nossa consciência reconhece o êxtase, interpreta-o e lhe dá nomes de acordo com o que experimentamos”. A reflexão da autora aponta para a complexidade do fenômeno religioso, indicando que a experiência extática não pode ser reduzida apenas a explicações psicológicas ou sociológicas, mas deve também ser compreendida a partir da maneira como os próprios sujeitos atribuem significado às suas vivências espirituais.

Desse modo, a pesquisa de Rosileny Alves dos Santos contribui para a compreensão do êxtase religioso como fenômeno simultaneamente subjetivo, comunitário e litúrgico, demonstrando que tais experiências exercem importante função na construção da identidade religiosa e na percepção da presença do sagrado nas comunidades pentecostais.

Enquanto Lewis interpreta o êxtase prioritariamente como fenômeno social e antropológico, Santos destaca a dimensão subjetiva e experiencial dos participantes. A comparação evidencia que a experiência extática pode ser compreendida simultaneamente como construção cultural e vivência pessoal do sagrado.

Tabela 2 – Comparação entre as Pesquisas de Ioan M. Lewis e Rosileny Alves dos Santos

Aspecto	Ioan M. Lewis	Rosileny A. dos Santos
Área	Antropologia	Teologia/Psicologia
Método	Observação etnográfica	Entrevistas e observação
Ênfase	Estruturas sociais	Experiência subjetiva
Função do êxtase	Legitimação social	Vivência espiritual
Papel da liderança	Central	Influência litúrgica

Elaborado pelo autor (2026).

Conforme demonstrado na Tabela 2, as pesquisas de Ioan M. Lewis e Rosileny Alves dos Santos apresentam perspectivas complementares sobre o êxtase religioso. Enquanto Lewis enfatiza sua função sociocultural, destacando o papel da experiência extática na legitimação da autoridade religiosa e na organização das comunidades, Santos concentra-se na dimensão subjetiva da experiência, evidenciando a percepção dos participantes acerca de seu contato com o sagrado. A comparação demonstra que o êxtase religioso pode ser compreendido simultaneamente como fenômeno social, cultural, psicológico e espiritual, reforçando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para sua adequada compreensão.

CAPÍTULO 5 – LIDERANÇA CARISMÁTICA E TRAGÉDIAS COLETIVAS.

A história contemporânea registra diversos episódios em que grupos religiosos ou pseudoreligiosos, liderados por figuras carismáticas, desenvolveram estruturas de autoridade tão intensas que seus seguidores passaram a submeter completamente sua autonomia pessoal às determinações do líder. Em alguns casos, essa submissão resultou em tragédias coletivas envolvendo assassinatos, suicídios em massa ou confrontos com autoridades governamentais.

A pesquisa desses acontecimentos é relevante para a compreensão do fenômeno do êxtase religioso e das experiências de intensa devoção, especialmente quando tais experiências são instrumentalizadas por líderes que reivindicam autoridade espiritual absoluta. Em diversas tradições religiosas alguns movimentos desenvolveram mecanismos de controle psicológico que transformaram a fé em instrumento de dominação.

Este capítulo analisa três casos emblemáticos nos Estados Unidos: o Templo dos Povos de Jim Jones na Guiana, o grupo Heaven's Gate e a comunidade dos Branch Davidians liderada por David Koresh, no Texas.

Entre os diversos movimentos religiosos independentes surgidos nos Estados Unidos durante o século XX, algumas comunidades desenvolveram estruturas altamente centralizadas em torno da figura do líder espiritual. Embora nem todos tenham culminado em tragédias coletivas de grande escala, tais movimentos tornaram-se objeto de estudos sociológicos por demonstrarem características frequentemente associadas ao sectarismo religioso: exclusivismo doutrinário, isolamento social, submissão absoluta ao líder e rejeição de críticas externas.

Pesquisadores da sociologia da religião observam que a combinação entre carisma pessoal, interpretação exclusiva das Escrituras e promessa de salvação diferenciada pode produzir ambientes nos quais os membros passam a depender emocionalmente do líder para a definição de sua identidade religiosa.

A compreensão sociológica dessas lideranças pode ser aprofundada a partir da teoria da autoridade carismática desenvolvida por Max Weber. Segundo Weber, o carisma consiste em uma qualidade extraordinária atribuída a determinado indivíduo por seus seguidores, levando-os a reconhecer nele capacidades excepcionais ou origem sobrenatural. Diferentemente da

autoridade tradicional, fundamentada nos costumes, ou da autoridade legal-racional, baseada em normas e instituições, a autoridade carismática depende da crença dos seguidores na missão especial do líder. Em contextos religiosos, essa forma de dominação pode fortalecer a coesão do grupo e inspirar mudanças sociais significativas. Entretanto, quando não existem mecanismos de controle, prestação de contas ou discernimento comunitário, a autoridade carismática pode favorecer relações de dependência psicológica e obediência irrestrita. Nesses casos, experiências religiosas, visões, profecias ou manifestações extáticas podem ser utilizadas para legitimar decisões do líder e reforçar sua posição de poder dentro da comunidade (WEBER, 2006, p. 158 – 167).

Nessas circunstâncias, experiências de êxtase, visões ou supostas revelações são frequentemente utilizadas para legitimar decisões e fortalecer a autoridade do dirigente. Tais características aparecem, em maior ou menor grau, nos demais casos analisados neste capítulo, especialmente nos movimentos liderados por Jim Jones, Marshall Applewhite e David Koresh.

5.1. Jim Jones e a tragédia de Jonestown

Um dos episódios mais conhecidos da história dos movimentos religiosos contemporâneos ocorreu em 18 de novembro de 1978, na Guiana, quando mais de novecentas pessoas morreram em Jonestown, assentamento fundado pelo líder religioso Jim Jones.

Jones fundou o movimento conhecido como Templo dos Povos durante a década de 1950. Inicialmente, o grupo apresentava forte discurso de igualdade racial e justiça social, atraindo especialmente membros afro-americanos.

Entretanto, com o passar do tempo, a autoridade do líder tornou-se cada vez mais absoluta. Segundo a Enciclopédia Britânica, o movimento alcançou notoriedade internacional após a morte de aproximadamente novecentos seguidores em um ato coletivo de assassinato-suicídio ocorrido em Jonestown, na Guiana.

A comunidade foi construída em uma região isolada da floresta guianense, onde Jones exercia controle quase total sobre a vida dos membros. Relatos posteriores apontaram vigilância constante, restrições de contato com familiares e intensa pressão psicológica sobre os seguidores.

A situação atingiu seu ponto máximo quando o congressista norte-americano Leo Ryan visitou Jonestown para investigar denúncias feitas por familiares de integrantes do grupo. Após sua partida, Ryan e outras pessoas foram assassinados por membros da seita em uma pista de pouso próxima. Em seguida, Jones ordenou que seus seguidores ingerissem uma bebida misturada com cianeto, resultando na morte de mais de novecentas pessoas, incluindo centenas de crianças.

O caso tornou-se um dos maiores exemplos históricos dos perigos da autoridade religiosa absoluta e da manipulação psicológica exercida por líderes carismáticos sobre comunidades isoladas (WESSINGER, 2000, Pág. 264 – 284).

5.2. Heaven's Gate e o suicídio coletivo de 1997

Outro episódio marcante ocorreu em março de 1997, quando trinta e nove integrantes do grupo Heaven's Gate cometeram suicídio coletivo em San Diego, Califórnia.

O movimento foi fundado por Marshall Applewhite e Bonnie Nettles, combinando elementos religiosos, crenças apocalípticas e teorias relacionadas a objetos voadores não identificados (OVNIs). O grupo defendia que a Terra passaria por uma transformação iminente e que seus membros poderiam abandonar seus corpos físicos para alcançar uma existência superior em uma nave extraterrestre.

De acordo com a Enciclopédia Britânica, o Heaven's Gate pregava extrema renúncia pessoal e alcançou notoriedade mundial após o suicídio coletivo de trinta e nove membros em 1997.

Applewhite afirmava possuir conhecimento especial sobre a salvação e o destino final da humanidade. Seus seguidores acreditavam que a morte física permitiria a transição para um plano superior de existência. Essa crença foi intensificada pela passagem do cometa Hale-Bopp, interpretada pelo grupo como um sinal escatológico.

O episódio evidenciou como crenças apocalípticas associadas a líderes considerados infalíveis podem conduzir indivíduos a decisões extremas. O caso também despertou debates acadêmicos sobre persuasão coercitiva, dependência psicológica e construção de realidades alternativas em grupos fechados (WESSINGER, 2000, Pág. 264 – 284).

5.3. David Koresh e os Ramo Davidiano em Waco, Texas

Outro caso frequentemente citado nos estudos sobre sectarismo religioso é o dos Ramo Davidiano, liderados por David Koresh.

Koresh, cujo nome original era Vernon Howell, assumiu a liderança do grupo durante a década de 1980. Apresentando-se como intérprete exclusivo das profecias bíblicas, ele desenvolveu uma estrutura de autoridade centrada em sua pessoa e passou a ser considerado por muitos seguidores como um mensageiro escolhido por Deus.

A comunidade estabeleceu-se no complexo Mount Carmel, próximo à cidade de Waco, no Texas. Em fevereiro de 1993, agentes federais norte-americanos iniciaram uma operação para cumprir mandados relacionados a denúncias de posse ilegal de armas. O confronto inicial resultou na morte de agentes federais e integrantes do grupo, dando início a um cerco que durou cinquenta e um dias.

Em 19 de abril de 1993, após semanas de negociações fracassadas, forças federais lançaram uma operação final contra o complexo. Um incêndio destruiu completamente as instalações, causando a morte de aproximadamente oitenta pessoas, incluindo crianças e o próprio Koresh. Embora permaneçam debates sobre as circunstâncias exatas do incêndio, o episódio tornou-se símbolo dos riscos associados à combinação entre liderança carismática extrema, expectativas apocalípticas e isolamento comunitário (Biblioteca Britânica)⁶.

Conforme demonstrado na Tabela 3, observa-se que os movimentos religiosos liderados por figuras carismáticas apresentaram desfechos trágicos, resultando em elevado número de mortes entre seus seguidores (WESSINGER, 2000, Pág. 264 – 284).

⁶ <https://www.britannica.com/topic/List-of-mass-suicides-of-the-20th-and-21th-centuries>

Tabela 3 – Casos Históricos de Liderança Religiosa Extremada

Movimento	Líder	Ano	Local	Mortos
Peoples Temple	Jim Jones	1978	Jonestown,	918
Heaven's Gate	Marshall Applewhite	1997	Califórnia, EUA	39
Branch Davidians	David Koresh	1993	Waco, Texas	Aproximadamente 80

Elaborado pelo autor (2026).

Os casos analisados demonstram que a presença de experiências religiosas intensas ou de manifestações de êxtase não constitui, por si só, um fator de risco social. Entretanto, quando tais experiências são subordinadas à autoridade incontestável de líderes carismáticos que reivindicam exclusividade na interpretação da verdade religiosa, podem surgir contextos favoráveis à manipulação psicológica, ao isolamento social e à obediência extrema.

Jim Jones, Marshall Applewhite e David Koresh construíram estruturas de poder baseadas na convicção de que possuíam acesso privilegiado à verdade espiritual. Em cada um desses casos, a confiança irrestrita depositada pelos seguidores em seus líderes contribuiu para acontecimentos que culminaram em mortes coletivas.

Dessa forma, o estudo dessas tragédias fornece importante material para a reflexão teológica e sociológica sobre os limites da autoridade religiosa, os mecanismos de persuasão em grupos fechados e a necessidade de discernimento crítico diante de lideranças que reivindicam poder espiritual absoluto (WESSINGER, 2000, p. 264–284).

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o fenômeno do êxtase religioso sob diferentes perspectivas teóricas, históricas e teológicas. Ao longo do estudo, verificou-se que o êxtase constitui uma experiência amplamente presente na história das religiões e nas diversas formas de manifestação da espiritualidade humana.

No primeiro capítulo, observou-se que não existe uma definição única para o fenômeno. Autores como Paul Tillich, Carl Gustav Jung, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Ioan M. Lewis e Rosileny Alves dos Santos interpretam o êxtase a partir de referenciais distintos, enfatizando aspectos teológicos, psicológicos, fenomenológicos, antropológicos e sociológicos. Essa pluralidade evidencia o caráter complexo e multifacetado da experiência extática.

No segundo capítulo, constatou-se que o êxtase religioso se manifesta em diferentes contextos históricos e culturais. Sua presença foi identificada em práticas da Antiguidade, na tradição bíblica, no cristianismo, nas religiões afro-brasileiras, no xamanismo e em diversas expressões religiosas contemporâneas. Tal universalidade demonstra que a busca pela transcendência constitui uma dimensão recorrente da experiência humana e religiosa.

A análise da teologia sistemática contemporânea revelou divergências significativas quanto à interpretação e ao papel do êxtase na vida religiosa. Enquanto autores vinculados à tradição reformada enfatizam a suficiência das Escrituras e a necessidade de cautela diante das experiências subjetivas, teólogos continuístas reconhecem a possibilidade de manifestações espirituais intensas na atualidade, desde que submetidas ao discernimento bíblico e comunitário.

As pesquisas antropológicas e sociológicas examinadas demonstraram ainda que o êxtase religioso não se restringe à esfera individual. Em muitos contextos, ele desempenha funções sociais importantes, contribuindo para a construção da identidade coletiva, para a legitimação de lideranças religiosas e para a organização simbólica das comunidades de fé.

Por fim, o estudo das tragédias envolvendo movimentos liderados por figuras carismáticas evidenciou que experiências religiosas intensas podem ser instrumentalizadas para fins de controle psicológico e manipulação coletiva. Os

casos de Jim Jones, Marshall Applewhite e David Koresh demonstram os riscos decorrentes da concentração excessiva de autoridade espiritual em indivíduos que reivindicam acesso exclusivo à verdade religiosa.

Conclui-se, portanto, que o êxtase religioso constitui um fenômeno legítimo, amplamente documentado tanto nas tradições religiosas quanto na produção acadêmica. Contudo, sua compreensão exige análise crítica e discernimento, especialmente quando associado a estruturas de poder capazes de comprometer a autonomia dos indivíduos. A pesquisa demonstrou que o êxtase não pode ser reduzido nem a um fenômeno exclusivamente psicológico nem exclusivamente sobrenatural, demandando uma abordagem interdisciplinar que considere simultaneamente suas dimensões teológicas, históricas, psicológicas, antropológicas e sociológicas.

Nesse sentido, o tema permanece relevante para a teologia e para as ciências da religião, constituindo um campo promissor para futuras investigações acerca da experiência religiosa humana, de seus significados e de suas manifestações na sociedade contemporânea.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.

ALVARES, Cláudio Ferreira. O vinho das almas: xamanismo e cristianismo no Santo Daime. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Maria de Fátima de Carvalho Ferreira. O valor da dimensão extática da Igreja: estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BAVINCK, Herman. Teologia sistemática. Tradução de Godfrey Kibuuka. Londrina: Penkal, 2022.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Tradução de Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BÍBLIA. Almeida Revista e corrigida, SBB, 2009.

d'Ávila. Livro da vida. Tradução de Marcelo Musa Cavallari. Penguin Classics. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOS SANTOS, Rosileny Alves. Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência. São Paulo: Loyola, 2004.

ELIADE, Mircea. História das crenças e das ideias religiosas. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda França. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ELIADE, Mircea. Mitos, sonhos e mistérios. Lisboa: Edições 70, 2000.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIADE, Mircea. O Xamanismo E As Técnicas do Êxtase. Tradução de Beatriz Perrone e Moisés Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ERICKSON, Millard J. Teologia Sistemática. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon D. Primeira Epístola aos Coríntios: comentário exegético. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019.

GLEISER, Norman L. Teologia Sistemática. Tradução de Marcelo Gonçalves e Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

- GRUDEM, Wayne A. O dom de profecia: do Novo Testamento aos dias atuais. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2010.
- GUINN, Jeff. Jim Jones: massacre em Jonestown. Tradução de Magdiel Lucas. São Paulo: DarkSide Books, 2022.
- HUXLEY, Aldous. As portas da percepção; Céu e inferno. São Paulo: Globo, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. A dinâmica do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LEWIS, Ioan M. Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espíritos e do xamanismo. Tradução de José Rubens Siqueira de Madureira. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- McGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica. São Paulo: Shedd Publicações, 2021.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Viagem ao céu e mistérios inefáveis: ensaios sobre experiências religiosas no cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2016.
- OSBORNE, Grant R. Apocalipse: comentário exegético. Tradução de Robinson Malkomes e Tiago Abdalla Neto. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- OTTO, Rudolf. O sagrado. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PANNENBERG, Wolfhart. Teologia sistemática. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã; Edifique, 2009.
- SILVEIRA, Tamara Christine Carneiro. Em busca da “Santa Luz”: um estudo sobre a experiência do êxtase místico-religioso na comunidade do Santo Daime. 2007. Monografia de Pós-Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- TERESA DE JESUS, Santa. O livro da vida. Tradução das Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro. São Paulo: Paulus, 1983.
- THIELMAN, Frank. Teologia do Novo Testamento. Tradução de Rogério Portella e Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- TILLICH, Paul. Teologia sistemática. Tradução de Getúlio Bertelli. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- VITSIL, Marcos Felipe. Antropologia do Êxtase Religioso. São Paulo: Recriar, 2019.
- VON RAD, Gerhard. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: ASTE, 1973. 2 v.

WEBER, Max. Sociologia da religião. São Paulo: Ícone, 2006.

WESSINGER, Catherine. How the Millennium Comes Violently: From Jonestown to Heaven's Gate. New York: Seven Bridges Press, 2000.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O Imaginário. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2007.